

“Miradas profundas”: relatos sobre migração e (homo)sexualidade de um venezuelano gay em Boa Vista, Roraima

“Miradas profundas”: narratives of migration and (homo)sexuality of a gay Venezuelan in Boa Vista, Roraima

Caobe Lucas Rodrigues de Sousa¹

1. Psicólogo, Mestre em Sociedade e Fronteiras no Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Fronteiras da Universidade de Roraima (UFRR) e doutorando no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). <https://orcid.org/0000-0002-1812-1455> caoberodrigues@gmail.com

Resumo: O objetivo desse artigo é trazer algumas reflexões sobre os deslocamentos da Venezuela para o Brasil através de um olhar voltado para a diversidade sexual e de gênero em articulação com outros marcadores de diferença. A partir dos depoimentos de Manuel, jovem venezuelano gay de 25 anos, reflete-se sobre sua experiência de cruzamento de uma fronteira internacional e os desafios que ele encontra para sobreviver e se estabelecer na cidade de Boa Vista, no extremo norte do Brasil. Trata-se de um contexto onde, além de ser migrante, ser percebido como “gay” ou “LGBTI” significa deparar-se com dificuldades particulares na caminhada em busca de uma vida supostamente digna e segura. A trajetória aqui narrada recria um processo de “integração” à sociedade brasileira que envolve a aprendizagem de um novo idioma, a adaptação a outros costumes e principalmente uma tentativa de travessia de fronteiras morais, na qual a conquista de um trabalho de carteira assinada e mais ou menos estável torna-se um divisor de águas. O

emprego, apesar de ser também marcado por situações de exploração, não só tornaria a vida possível, como o resguardaria dos riscos, constrangimentos e inferioridades que constituem o lugar ao qual ele é relegado ao ser interpelado como migrante e gay.

Palavras-chave: Migração; Homossexualidade; Fronteiras; Venezuela.

Abstract: This article aims to bring some reflections on the displacements from Venezuela to Brazil focusing on sexual and gender diversity in conjunction with other categories of difference. Based on the testimonies of Manuel, a 25-year-old gay Venezuelan young man, we reflect on his experience of crossing an international border and the challenges he faces in order to survive and settle in the city of Boa Vista, in the extreme north of Brazil. It is a context where, in addition to being a migrant, being perceived as “gay” or “LGBTI” means facing particular difficulties in the search for a supposedly dignified and safe life. The trajectory narrated here recreates a process of “integration” into Brazilian society that involves learning a new language, adapting to other customs and especially an attempt to cross moral boundaries, in which the achievement of a formal job becomes a game changer. Employment, despite being also marked by situations of exploitation, would not only make life possible, but would also protect him from the risks, constraints and inferiorities that constitute the place to which he is relegated when he is perceived as migrant and gay.

Keywords: Migration; Homosexuality; Borders; Venezuela.

Introdução

“Tanto venezuelanos, quanto brasileiros, têm muito preconceito. A gente fica com medo de pegar na mão, de ficar juntos, de ficar beijando, porque a gente sente essa *mirada*, essa *mirada* profunda que dão para gente”¹ disse

1. Trecho transcrito da entrevista com Manuel, nome fictício dado ao entrevistado conforme acordamos via Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Outros nomes aqui apresentados são fictícios. A entrevista se deu de forma aberta sem roteiro pré-estruturado e as perguntas foram feitas com base em experiências prévias com outros interlocutores e observações por parte do pesquisador. A conversa foi gravada por um dispositivo tecnológico e em seguida transcrita. Manuel

Manuel, jovem venezuelano de 25 anos, sobre ter evitado demonstrar afetos quando se deslocou de seu país com seu namorado para território brasileiro. Ele se identifica como gay e mora na cidade de Boa Vista, capital de Roraima no extremo norte do Brasil, desde 2018. A fala destacada indica não só a sutileza de situações de constrangimento em razão da sexualidade, às vezes perpretadas por um simples olhar, como também aponta para uma especificidade encontrada por sujeitos reconhecidos como dissidentes sexuais e de gênero em contexto de migração: ele/a pode esperar olhares ou ações discriminatórias vindo tanto de compatriotas, quanto de membros da sociedade que o/a recebe.

Os estudos sobre migração e refúgio tradicionais tendem a desprezar o gênero e sexualidade como vias que singularizam os deslocamentos entre fronteiras nacionais (LUIBHÉID, 2014; 2019). Nisso, perde-se de vista como esses marcadores, associados à raça, idade, dentre outros, constituem e são constituídos mutuamente nas experiências dos sujeitos (BRAH, 2006). No contexto brasileiro, pesquisas socioantropológicas recentes, que entrecruzam migração e refúgio com diversidade sexual no Brasil, tem se esforçado para analisar processos de (i)mobilidade a partir de uma perspectiva interseccional, afim de dar conta das especificidades das experiências de migrantes e refugiados/as “LGBTI”² em território brasileiro. Esses estudos identificam, por exemplo, a fragilidade nas redes de apoio desse grupo, o que se intensifica por não necessariamente poderem contar com o apoio de compatriotas cisgênero e heterossexuais nas cidades de acolhida (ANDRADE, 2017). Notam também as ambiguidades das estruturas que regulam esses sujeitos, que alternam entre a proteção e criminalização (FRANÇA, 2017), dentre outros achados que aos poucos têm constituído um campo de interesses e preocupações em comum (BRAGA, 2019; WASSER, FRANÇA, 2022).

foi entrevistado em setembro de 2020 de forma remota, por meio de uma plataforma digital, em virtude da pandemia do coronavírus (COVID-19).

2. A sigla “LGBTI” busca representar “lésbicas, gays, bissexuais, transsexuais e intersexuais”. Há muitas variações para essa sigla, como “LGBTQI”, incluindo “queer”, ou “LGBTQIA+”, incluindo “assexuais” e o “+” simbolizando outras identidades, por exemplo. No presente artigo, utilizo a sigla “LGBTI”, tendo em vista que no contexto humanitário é a sigla mais acionada, especialmente porque é como as Nações Unidas nomeia essa população em normativas.

Com a chegada de milhares de venezuelanos/as em território brasileiro nos últimos anos, alguns elementos entram em jogo nesse debate. Em primeiro lugar trata-se de um contingente muito expressivo numericamente, que desafia modelos narrativos e analíticos mais individualizados, que costumemente posicionam a identidade de gênero e sexual como o fator que desencadeia deslocamentos (FRANÇA, FONTGALAND, 2020). A busca por emprego, a fome, dentre outros fatores, são mais frequentemente entendidos como decisivos no momento de decisão de deixar o país, ainda que se reconheça as infinitudes de possibilidades biográficas que podem compor esse momento de partida, sendo impossível uma generalização. Além disso, nota-se a implementação de projetos e ações que tem como público-alvo os “refugiados/as LGBTI”, como, por exemplo, uma casa de acolhida em Manaus, no Estado do Amazonas (FRANÇA, FONTGALAND, 2020), ou o surgimento de projetos e ações voltadas para esse público, coordenados por agências humanitárias internacionais, organizações não-governamentais (ONGs), às vezes em parceria com Exército Militar Brasileiro (SANTOS, 2019B; FONSECA, 2020). É possível verificar em diferentes espaços, inclusive midiáticos, o pronunciamento público, ainda que tímido, de uma população migrante e refugiada “LGBTI” no Brasil. No que diz respeito aos deslocamentos venezuelanos, essa evocação tem sido feita sobretudo por ONGs, que preocupam-se com a “integração” dessa população-alvo e com as demandas específicas que a gestão migratória nem sempre leva em conta.

Como ser “gay” ou “LGBTI” complexifica e singulariza um processo migratório no contexto das migrações venezuelanas para o Brasil em um plano cotidiano? Diante dessa indagação, no presente artigo tenho como objetivo contribuir com algumas reflexões sobre os deslocamentos entre Venezuela/Brasil a partir de um olhar voltado para a diversidade sexual e de gênero e outros eixos de diferenciação. Para isso, acompanho com mais proximidade os relatos de Manuel, com quem travei interlocuções durante minha pesquisa de mestrado³. Ao revisitar suas falas busco analisar elementos que constituem

3. A pesquisa de mestrado resultou na dissertação “Dissidências em entrelace: narrativas de homossexualidade na migração venezuelana em Boa Vista, Roraima” defendida no Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Fronteiras da Universidade Federal de Roraima em 2021.

esse contexto fronteiriço e como ele pode marcar e ser marcado pelo percurso biográfico de alguém. Por isso, opto por me ater aos detalhes e texturas de seus relatos. É relevante como se trata de uma pessoa que, em sua trajetória, tentou se afastar dos espaços e serviços oferecidos pela gestão humanitária, inclusive não sendo um solicitante de refúgio e sim de residência. Como será melhor desenvolvido ao decorrer do artigo, Manuel e seu namorado tiveram como estratégia, não usufruir de apoios assistenciais oferecidos pelas organizações internacionais e Exército Militar Brasileiro, como os abrigos da Operação Acolhida, por exemplo. Por isso, esse estudo busca, também, dar importância a processos migratórios que se desenham do “lado de fora” dos enquadres humanitários, geralmente privilegiados pelos estudos socioantropológicos atuais sobre migrações venezuelanas no Brasil.

Em muitos momentos há a citação direta de suas falas, em uma aposta na valorização do que é dito pelo interlocutor, trazendo para este trabalho as expressões que ele decide usar, o que ressalta e também o que oculta. Antes de me voltar com mais atenção para suas narrativas, será feita uma breve análise mais panorâmica, no intuito de situar as reflexões aqui pretendidas.

Sobre a migração venezuelana

Dentre as muitas regiões marcadas pela intensificação de mobilidades entre fronteiras nacionais, o norte do Brasil tem se destacado nos últimos anos, especialmente por conta do deslocamento de pessoas venezuelanas que chegam ao país, cruzando a fronteira terrestre entre a cidade venezuelana Santa Elena de Uairén e a cidade brasileira Pacaraima. Os recentes deslocamentos das pessoas venezuelanas são um movimento global complexo e intenso, comumente classificado como uma migração do tipo Sul-Sul⁴. As imagens dessas pessoas

4. As migrações Sul-Sul são movimentos migratórios entre países do chamado Sul Global. Atribui-se como um fator importante para o recrudescimento de movimentos migratórios como este “as restrições impostas pelos países do Norte para a entrada e permanência de migrantes internacionais” (BAENINGER, 2018, p. 13). A migração da população venezuelana tem sido um dos principais exemplos atuais. De acordo com a ONU (2020) quase 5 milhões de venezuelanos já deixaram o país. In: ONU NEWS. “ONU quer “apoio urgente” para 5 milhões de venezuelanos que deixaram o país”.

nos países fronteiriços, como o Brasil, têm chamado a atenção, sobretudo em veículos midiáticos, principalmente pela quantidade muito expressiva de pessoas e pelas precariedades acentuadas, que se associam às inúmeras dificuldades no acesso a alimentação, moradia, saúde etc. Pontuo que como esses deslocamentos ganham força a partir de 2015 e 2016, isto é, há pelo menos cinco anos, é possível observar mais porosidades entre a fronteira imaginária que dividiria brasileiros e venezuelanos. Cito como exemplo os casais formados por um/a brasileiro/a e um/a venezuelano/a que não são raros. Menciono também as muitas comunidades e ocupações espontâneas que reúnem em laços comunitários pessoas das duas nacionalidades. É igualmente notório o nascimento de crianças filhas de casais venezuelanos que ou nasceram em território brasileiro ou passam por uma escolarização “brasileira”. Essa mistura pode, ainda, ser simbolizada pelo “portunhol”, que seria esse idioma híbrido que tem feito parte do cotidiano da região.

Em 18 de fevereiro de 2021, o Governo Federal contabilizou que mais de 265 mil “migrantes e refugiados venezuelanos solicitaram regularização migratória” ao Estado brasileiro. Com a chegada dessas milhares de pessoas, novos cenários são produzidos e paradoxos têm sido percebidos sobretudo no âmbito das práticas de gestão migratória empreendidas nesse contexto⁵. É iniciada a emblemática Operação Acolhida que ao mesmo tempo que se ampara fortemente em discursos humanitários⁶, acentuando a condição de

Disponível em: <<https://news.un.org/pt/story/2020/05/1713342>>. Acesso em: 21 set. de 2020.

5. No âmbito da universidade, tem emergido também uma diversidade de estudos sobre a recente “migração venezuelana” no Brasil, marcada por uma pluralidade de publicações coletivas como, por exemplo, o livro ‘Migrações Venezuelanas’ organizado por Baeninger et alii que reúne textos de pesquisadoras/es e de agências e instituições envolvidas especialmente na assistência institucional de migrantes (BAENINGER et alii, 2018). Há alguns trabalhos de pós-graduação no campo das ciências sociais acerca do tema, como a dissertação sobre a “diáspora” do povo Warao (SANTOS, 2019a), sobre as relações da mídia local e nacional com a construção da “migração venezuelana” (MOTA, 2019), dentre outros estudos com ênfases que se atêm a variadas dimensões desses processos de mobilidade.

6. Especificando as análises para as mobilidades administrada por aparatos humanitários, Didier Fassin (2011a; 2011b) oferece perspectivas teóricas relevantes para essa pesquisa. A partir de

“vítima” dessas pessoas, reforça a ideia da imigração com um problema para a segurança nacional, uma vez que é uma operação conduzida pelo Exército Militar Brasileiro, ainda que conte com a parceria de agências humanitárias internacionais (VASCONCELOS, SANTOS, 2020). Nesse sentido, a reprodução da lógica contraditória entre humanitarismo e securitização presente nas políticas de governança migratória atuais é reiterada (FASSIN, 2011a; FELDMAN-BIANCO, 2015). A operação é organizada em três diferentes eixos: “ordenamento da fronteira”⁷, “abrigamento” e “interiorização”. Esse último se trata da transferência de pessoas venezuelanas para outros estados brasileiros, o que tem sido uma estratégia de manejo cada vez mais priorizada.

Há rápidas transformações nesse contexto, que é marcado por uma velocidade muito particular, o que impossibilita que as produções acadêmicas, como esse artigo, possam retratar paisagens duradouras. Atenho-me, portanto, às diferentes tecnologias de regulação desses sujeitos em trânsito, mais ou menos provisórias, que se tornaram um marco importante na história recente da cidade. Essas diferentes tecnologias remontam às características de uma sociedade normalizadora, como a descrita por Michel Foucault (2014 [1976], p. 156), entendendo-a como “o efeito histórico de uma tecnologia de poder

experiências etnográficas na França, África do Sul, Venezuela, Palestina e Iraque sugere como a compaixão e o que ele chama de “sentimos morais” têm sido uma força política potente. Fassin analisa um cenário em que o sofrimento de pessoas “desvantajadas” - como pobres, imigrantes, sem-teto, vítimas de desastres - se torna um espetáculo, e a “ajuda” se torna a suposta única resposta possível. Diante disso, o humanitarismo se estabelecerá como uma forma de governar as precariedades e nublar as relações de desigualdade e violência (FASSIN, 2011a).

7. Já a fronteira encontra-se fechada no momento da escrita deste artigo. Contudo, é sabido que apesar do fechamento “legal” da fronteira, as pessoas continuam se movendo em rotas “clandestinas”, apesar de estarem impossibilitadas de se “regularizarem”. As rotas são facilmente vistas ao percorrer as ruas de Pacaraima e o atravessamento diário de pessoas convive com a forte presença militar brasileira que não as impede diretamente de cruzar o marco entre os dois países, como pude observar recentemente na cidade. Este é um exemplo de como o Estado pode também conviver, ou até mesmo produzir ilegalidades (FASSIN, 2011b). Neste caso, sabe-se que todas as pessoas que entraram depois do “fechamento” irão se deparar com uma situação de indocumentação.

centrada na vida”. Interpeladas por essas tecnologias, observo que essas pessoas em trânsito passam a ser geridas por distintas governamentalidades⁸, entre as quais as relacionadas a gênero e a sexualidade.

Para esse artigo, destaco que, entre as diferentes práticas de gestão migratória realizadas no âmbito da Operação Acolhida, estão aquelas que têm como alvo uma “população LGBTI” migrante, estabelecendo políticas que, ao mesmo tempo em que são voltadas para essa “população”, também a constituem como objeto da gestão migratória⁹. Feita essas considerações em escalas mais amplas, a seguir coloco em cena os detalhes do percurso migratório de Manuel.

“A gente tem que ir embora”

Conheci Manuel por meio de um amigo em comum. Este amigo casualmente o indicou para participar da pesquisa e me encaminhou o seu número de telefone. Conversamos por alguns dias pelo aplicativo *Whatsapp* e marcamos uma entrevista. Manuel começou falando seu nome completo e sobre sua cidade de origem, Margarita. Falou um pouco sobre a *calidad*¹⁰ de sua cidade, que, de acordo com ele, se assemelha com o calor de Boa Vista. Sem delongas, abordou o momento em que decidiu partir para o Brasil em 2018. Disse ele:

8. Aqui entendida como um “conjunto formado por instituições, procedimentos, análises e reflexões, cálculos e táticas que permitem o exercício de um tipo muito específico, porém complexo de poder, que tem como alvo a população, tendo sua principal forma de conhecimento a economia política, e sua técnica essencial aparatos de segurança” (FOUCAULT, 1991, p. 102).

9. A tendência a estabelecer esse recorte “populacional” tem íntima relação com a emergência de um novo sujeito jurídico no cenário global: o “refugiado LGBTI”, que como demonstrou França (2017), surge no entrecruzamento entre direitos sexuais e direitos relacionados ao refúgio, nomeando aquele que deixou seu país por alegar perseguição devido a sua orientação sexual ou identidade de gênero.

10. Manuel fala algumas palavras em espanhol, decido deixá-las, considerando que a mistura de culturas se manifesta também na língua e isso é muito rico. Além do mais o “portunhol”, já mencionado, é um fenômeno linguístico muito particular, que merece ser considerado nas análises de processos sociais nesta região de fronteira.

Quando a gente pensou em ir embora da Venezuela foi porque a situação do país tava toda ruim, tudo... antigamente a gente era feliz, era livre de tudo, se tu queria sair e estudar, sair para outro país, era possível. Tinha liberdade de tudo. Agora é diferente. Tudo trocou. Eu lembro que quando eu era menor, era um mundo diferente, agora como as coisas estão, eu nem *reconozco* meu país. Aí veio essa *situación*, aí a gente trocou tudo, trocou *su manera de vivir*, trocou tudo, tudo, tudo, tudo... Tudo *cambió* na vida. Aí a gente *tuvo* que sair. Você tá entendendo né? (MANUEL, 2020).

Quando Manuel fala “a gente” se refere a ele e seu namorado, também venezuelano, que o acompanha desde antes de partirem para Boa Vista e se conheceram em um momento de dificuldades socioeconômicas para ambos. Durante as conversas que antecederam a entrevista, Manuel havia explicado que durante o traslado ele e seu companheiro se apresentavam como irmãos, por medo de retaliações. Essa informação aparece novamente na entrevista e será discutida mais à frente.

Ao elaborar o motivo que “disparou” seu processo migratório, o trabalho ganha uma certa centralidade. Manuel trabalhava em uma ótica, e relata que estava ascendendo financeiramente em um período em que a Venezuela era “um país livre”. De acordo com ele, nessa época: “Tu tinha tudo, tu podia pegar tudo, tu tinha todas as possibilidades. Tudo tudo tudo tudo”. Mas isso começou a mudar. Como explica:

Aí quando começou a situação do país, a trocar tudo, a *cambiar* um estado político a outro, tudo acabou. De três salários eu passei a receber dois. De dois salários eu passei a receber um. Chegou a um momento que não dava mais conta para pagar estudos, pagar aluguel, pagar energia e outras coisas [...]. Aí quando começou a faltar tudo isso, a gente começou a pensar “a gente tem que ir embora”, a situação do país não tá boa. Sobre minha alimentação, eu sou uma pessoa assim. Eu não sou rico, mas minha alimentação era de rico, eu tinha todas as possibilidades de pegar qualquer comida. Eu gosto de comer muito, então de 80 kilos, eu passei a pesar 60

kilos, eu comecei a não comer bem, já não era a mesma comida, a gente ia pro supermercado e não era mais pegar a comida que tu gosta, frango que tu gosta, era pegar o que as pessoas falavam: “não... isso aqui é o que tem, e é isso aqui que tu vai levar”, então a situação do país passou a piorar. Já não dava. Foi nesse tempo que eu conheci meu namorado, eu falava para ele: “menino, eu tenho que ir embora, eu tenho que ir embora, se eu fico aqui, eu vou morrer” (MANUEL, 2020).

Nesse momento da entrevista me recordei de quando conversei com José, outro rapaz a quem entrevistei, de 21 anos, gay, maquiador, também venezuelano e residente em Boa Vista. Ele também havia mencionado o recente ganho de peso, obtido na cidade, com muita alegria, o que lhe representava uma conquista. Corroboro com a proposição de Iana Vasconcelos (2018) que estabelece a alimentação como uma categoria muito relevante para compreender os processos migratórios venezuelanos no Brasil.

Manuel e seu namorado ficaram em dúvida entre Colômbia e Brasil, no entanto, decidiram vir ao Brasil por conta da proximidade geográfica, já que viviam em Margarita. Manuel conta que geralmente as pessoas venezuelanas preferem Colômbia por conta do idioma, uma vez que lá também se fala espanhol, e “aprender português é difícil”. Desde que partiram, ele disse que sentiu muito medo, e que o “*translado* foi horrível”.

A verdade é que quando a gente chegou a Pacaraima, a gente não *tuve* conhecimento de nada, eu acho que também foi por temor, porque a gente ficou com medo. Eu não sei, se a gente ficar sem falar nada, ninguém dá visualização que a gente é *gzy*, tá entendendo? Aí a gente ficava sério porque a gente ficava com medo de preconceito das pessoas (MANUEL, 2020).

Manuel relata ter observado muitas pessoas transexuais serem violentadas no percurso, e que sentia muito medo de ser acometido pelas mesmas violências. Portanto, decide apostar na performance de uma “seriedade” para não ser identificado como homossexual ou “LGBTI”.

Santa Elena: “uma cidade sem identidade”

Ao contar sobre a odisséia até Boa Vista, Manuel fala sobre Santa Elena de Uairén, a cidade venezuelana que, como já mencionado, faz fronteira com Pacaraima:

Santa Elena, eu não quero falar mal, mas é uma cidade assim, sem identidade, as pessoas de lá não sabem se são brasileiras, ou se são venezuelanas, é uma cidade sem personalidade. Aí é uma cidade que todo mundo confunde, a maioria dos brasileiros pensam que em Santa Elena as pessoas são ruins. Eu já ouvi que falam: “nossa, as pessoas são ruins, são mal educadas”. Mas assim, não são, não sei explicar, acho que tem problema de identidade, como sabem se eles são brasileiros ou se são venezuelanos? Mas eu falo para eles [brasileiros], se tu vai mais a dentro da Venezuela, tu gosta. A *calidad* da gente. A harmonia da gente. Eu acho que Santa Elena só é um meio de negócio, tu vai, só compra, é um meio de produção, não tem essa *calidad* de família (NARRATIVA 03: MANUEL, 2020).

Em acordo com a leitura de Manuel, a cidade até meados de 2015 era realmente um espaço muito demarcado por relações mercadológicas intensas. Havia um movimento significativo de brasileiros e brasileiras que iam à cidade na busca de mercadorias diferentes e mais baratas. Até então esse movimento era o que gravava permeabilidades e circulações na fronteira.

É comum que regiões de fronteira despertem estranheza e incômodo, principalmente por serem marcadas por exceções, periculosidades e exclusões. Para Michel Agier (2016), as incertezas constituem as existências que habitam essas regiões. Pelos eventos que nela acontecem, como as migrações em condições precárias por exemplo, acabam transformando as fronteiras não em margens, mas sim no centro da vida de muitas pessoas. De acordo com o autor, algumas pessoas que vivem nas fronteiras carregam teorias pessoais sobre como sobreviver entre diferentes mundos, exercendo um certo cosmopolitismo que desestabiliza e complexifica identidades.

Sobre a questão identitária e suas complexidades, na perspectiva de Manuel sua população “não sabe se é venezuelana ou brasileira”. Sua fala

parece reforçar as representações negativas que identidades fronteiriças têm. Em certa medida, vejo a lógica binária prevalecer nessa construção de significados. Embora o binarismo seja mais frequentemente criticado no campo de gênero e sexualidade, em outros campos sociais a intolerância à ambivalência também tem sido apontado por trazer efeitos prejudiciais e redutivos (ANZALDÚA, 1987).

Para Karma Chávez (2010), o lugar de “estranho” que se delega inclusive aos próprios migrantes e pessoas de sexualidades e gênero não normativos, emerge justamente por não se adequar ao binarismo “amigo” ou “inimigo”. Expressões e identidades que do ponto de vista nacional desafiam a lógica binária também despertam um incômodo e parecem construir um “não-lugar”. Creio que nesse caso, “não saber se é brasileiro ou venezuelano” pode ser também entendido como uma denúncia de lacunas que a lógica da soberania nacional produz. Mas neste caso, não é apenas a “indistinção nacional” que incomoda Manuel, inquieta-o ao perceber que as pessoas brasileiras constroem um ajuizar sobre seu país a partir de experiências com pessoas venezuelanas na cidade fronteiriça. Isso o perturba porque Manuel parece estar especialmente implicado em construir e defender que pessoas brasileiras tenham representações positivas sobre pessoas venezuelanas.

Em outros momentos da entrevista a fronteira entre Brasil e Venezuela surge como algo frágil, mas por outra razão. Manuel revela que durante os primeiros dias em território brasileiro ele não percebeu diferenças significativas:

Sabe, lá na Venezuela, todo mundo tem uma... uma visão diferente de Brasil, todo mundo pensa que Brasil é colorido, todo de viado, que as mulheres estão ficando todas sem roupa... Eu não sei porque tem essa concepção, aí quando eu tava entrando no Brasil, eu imaginei: “Não, vai ser algo colorido, vai ser samba, bumbum, música”. Eu não sei porque todo mundo pensa isso, aí quando a gente chegou, vou falar como foi quando a gente chegou. A gente achou igual. Qual a diferença? “Ah não, a gente errou”. Aí eu perguntava pro meu namorado, tem certeza que já estamos no Brasil? (MANUEL, 2020).

Esse imaginário de Brasil associado a festividade e de certa forma a este-reótipos se desfaz em um processo de desilusão, ao perceber mais continuidades do que rupturas nos cenários sociais entre ambos os países. Nesse sentido, é possível observar elementos constitutivos da imigração que Abdemalak Sayad (1998) postula, sobretudo considerando a ilusão como um afeto estruturante desse processo¹¹. Entretanto, aos poucos Manuel foi se sentindo “atrapado” pelo país, na medida que passou a compreender melhor o português e a gastronomia, como ele narra:

Para ser sincero, eu odiava o Brasil, eu falava que ia embora daqui. Só que o que acontece, é que o Brasil *enamora* a gente. O Brasil *atrapa* a gente. Só um mês. A gente só durou um mês para entender português. Só um mês. A gente começou a trabalhar na distribuidora, na distribuidora de bebida, a gente começou a trabalhar, a gente não entendia nada, nada, nada, nada. Nem a música, nada. Aí nessa trajetória a gente conheceu pessoas de Manaus, de São Paulo, Brasília, Rio de Janeiro, conhecemos muitas pessoas, e o sotaque de cada um é diferente. Aí cada um fala diferente, cada um tem uma maneira de falar. Aí com essa trajetória eu comecei a amar o Brasil. Aí, a comida de vocês, é tão diferente da comida da Venezuela, eu falava: “Meu Deus, o que é isso?”. Respondiam: “Isso é farofa”. Aí eu falava: “Não, eu não gosto”. Aí tudo foi *atrapando* a gente (MANUEL, 2020).

O medo de ser “señalado”

Retornando a um tema central da entrevista, conversamos sobre a via pela qual Manuel decidiu se “regularizar” frente ao estado brasileiro. Ele optou por ser solicitante de residência, assim como José. Sustenta sua decisão também considerando que se solicitasse refúgio estaria impossibilitado de retornar ao país onde alguns de seus familiares, os mais velhos, ainda se encontram. Como explica: “Se eu pego refúgio, é praticamente a pessoa que tá saindo, e não vai

11. Sayad (1998) descreve uma série de ilusões que edificam a figura do imigrante, e coloca como exemplo a imigração argelina na França, enfatizando o caráter colonial da relação entre os países.

poder entrar de novo, tá entendendo? Eu tenho esperança de voltar ao meu país. Visitar, ir lá. Porque a verdade é que não estou querendo voltar mais”.

Associado a isso, um elemento crucial surge na fala de Manuel. Ele afirma ter medo de ser *señalado* ao receber algum benefício das organizações humanitárias voltadas para pessoas identificadas como “LGBTI”. Esta é uma palavra muito representativa para simbolizar um risco considerado por Manuel e por seu namorado durante o deslocamento. Em português pode significar “indicado”¹². Como é possível perceber no trecho a seguir:

A maneira de tratar eles [LGBTI], era muito diferente da maneira de tratar pessoas hétero, aí a gente decidiu: “não, a gente tem que fingir”. Só para tu ter um exemplo, quando a gente chegou no Brasil, a gente recebia mais colaboração se falássemos que meu namorado e eu éramos irmãos, as portas se abriam mais. Mas se falávamos que éramos *pareja*, namorados, era difícil. Aí a gente olhou rápido, e adaptou rápido. Mas é um processo, é um processo que a gente passa. A verdade é que é um pouco difícil, sabia? É... Dá muito medo. A gente falar: “não, eu quero um benefício de organização “LGBT”, dá medo, para mim dava medo, porque assim, se não sou bem recebido, se tem preconceito, vou ser *señalado*”. Então fiquei com muito medo. Aí a gente não quis falar nada (MANUEL, 2020).

Este é, provavelmente, um desafio para a implementação de políticas de proteção para essas pessoas e também diz respeito a um dos motivos para a não-adesão destas políticas. Resta ao público-alvo de tais políticas questionar-se se os possíveis benefícios compensariam a diferenciação que o uso desses dispositivos produziria no contexto social que estão inseridos/as. Por exemplo, valeria a pena ficar em uma *carpa* (barraca) específica para pessoas LGBTI em um abrigo, sabendo que ocupar esse espaço supostamente mais seguro significaria também estar exposto, ou mais visíveis, para as outras pessoas abrigadas cisgênero e heterossexuais?

12. Em uma conversa sobre a palavra “*señalado*” e seus possíveis significados com uma amiga venezuelana refletimos sobre como a palavra remete a uma certa exposição pública. Acreditamos que seria como “tirar alguém do armário”.

Sobre se apresentar como irmãos, Manuel relata que outros casais formados por dois homens ou duas mulheres também dispõem da mesma tática e como explica, é uma forma de “abrir portas”. Afirma:

Aí a gente não falava, a gente só falava “somos irmãos”, “a gente é irmão”, tanto que a gente tem amigos que também são *gays*, tanto mulheres como homens, e eles se apresentam como “irmãos” do mesmo jeito que a gente, eles falam: “a gente é amigos, elas são irmãs, elas são amigas”. Não fala, não fala. A verdade é que ainda tá um pouco, eu acho para mim que ainda tá atrasado, não avançado. Tem essa parte. É difícil (MANUEL, 2020).

Para Manuel, Boa Vista está “em crescimento”, percebe a cidade como um lugar habitado por pessoas velhas. Relata, ainda, que como trabalha com atendimento ao público, no trabalho passa por certas situações com homens heterossexuais:

Apesar de que a cidade está em crescimento, então como tal, as pessoas são, a maioria são 60 anos, 70 anos, 80 anos, 50 anos. Aqui tem jovens, tem jovens sim, mas quando tu vê um menino *gay*, aí tem preconceito. Já as pessoas *viejas*, *enton* ainda tão nesse processo de crescimento. Eu fico com vergonha, de falar: oi, eu sou *gay*. Porque eu vou ser *señalado* rapidinho [...] Tem pessoas aqui no Brasil, onde eu trabalho, eu trabalho em uma ótica, né? Fazendo óculos. Tem alguns meninos que eu falo: “Ei, esse óculos tá bacana. Ficou lindo em você”. Aí fica: [expressão de estranhamento]. Eu respondo: “Estou falando do óculos”. Porque já tem um preconceito (MANUEL, 2020).

O Brasil como novo lar?

Apesar dos obstáculos que ele e seu namorado enfrentaram principalmente nos dias que ficaram nas ruas e dificuldades quanto ao português, Manuel compara com a experiência de familiares em outros países e acredita que o Brasil é o país que está melhor recebendo as pessoas venezuelanas. De acordo com ele:

Eu me atrevo a falar que o melhor país que tá recebendo venezuelanos é o Brasil, porque minha família toda foi embora, eu tenho família em Colômbia, eu tenho família no Peru, eu tenho família no Equador, eu tenho duas primas que tão no Chile, tenho uma prima que tá na Espanha. E gente... eles não são ajudados como a gente foi ajudado, eles foram humilhados. Hoje em dia eu tenho toda a minha documentação, o Brasil tá ajudando muito o venezuelano, para conseguir a documentação do estrangeiro, eu tenho já a minha residência permanente, tenho 10 anos aqui, para eu ficar. Somos ajudados em tudo, se tu quer ir para o Rio de Janeiro eles pagam avião para você, eles dão comida para você, eles ajudam em todos os sentidos. A gente tá recebendo muita ajuda, muita ajuda do Brasil (MANUEL, 2020).

Apesar das vantagens assinaladas por ele, houve muitos episódios de rechaço contra ele e seu namorado. Por exemplo, enquanto Manuel trabalhava em um bar, ele foi cuspidor por um brasileiro. Além de situações de abuso advindas pelos clientes, recorda que recebiam apenas vinte reais, e que o patrão deles era um policial. Portanto, sentiam-se imobilizados para contestar esta relação de trabalho abusivas e situações de violência extrema:

Eu lembro que uma vez eu estava levando a cerveja para um cliente, colocar a cerveja para ele, e ele cuspiu na minha cara. Ele cuspiu. Ele falou “venezuelano...” eu lembro que o único que eu entendi foi “Venezuelano merda”. Aí eu fiquei “ô meu Deus” (MANUEL, 2020).

Fala que o que o fez continuar neste trabalho e suportar as situações de abusos foi a vontade de perseverar através do trabalho. Portanto, agarrava-se na ideia de “um futuro melhor” e na possibilidade de um progresso socioeconômico para suportar as relações de violência, reproduzidas tanto pela parte contratante quanto pela clientela.

Relata que, aos poucos, foram encontrando outras pessoas brasileiras e fazendo amizades com pessoas que os respeitavam. A partir dessas experiências de sociabilidades positivas com pessoas brasileiras conseguiu uma indicação em

uma empresa de ótica. Depois de se deparar com relações de trabalho abusivas, é contratado por outra empresa de ótica que trabalhava durante a entrevista. Após esse vínculo empregatício, pôde comprar itens domésticos e “melhorar a sua vida”. Como diz:

Eles [novos amigos] falam que a gente é chamativo, aí a gente começou a falar, aí fomos aprendendo, a primeira coisa que aprendi de português, foram as más palavras, “porra”, aí começou a aprender, a falar igual, aí eu conheci uma pessoa que recomendou para mim, para eu trabalhar em uma ótica, aí eu comecei a trabalhar lá. Eu também fui explorado, eu lembro que só pagavam, um mês, pagavam pra mim 500 reais, aí eu “porra, não importa, 500 reais é melhor que 20”, aí foi melhorando, melhorando, aí eu deixei de trabalhar nessa ótica, comecei a trabalhar em uma outra, aí não pagavam pra mim, eu trabalhava um mês, já deviam dois meses de pagamento, aí foi que conheci outra pessoa que agora é meu chefe de hoje em dia, aí minha vida melhorou, essa pessoa pagou aluguel pra mim, comprou geladeira, comprou cama, me ajudou. Ele comprou depois eu paguei para ele. Hoje em dia eu tenho carteira assinada. Já tenho dois anos de carteira assinada (MANUEL, 2020).

Humanitarismo

Para que pudéssemos falar sobre o contexto humanitário, perguntei a ele se o mesmo havia ficado em algum abrigo assim que chegou. Ele respondeu que não, e que “Boa Vista tá saturada, tem muita gente venezuelana”. Disse que:

Para tu entrar num refúgio [abrigo], tu tem que passar cinco dias numa praça, passando fome, passando chuva, passando muito trabalho, então para mim ficar cinco dias parado, só pra ter um refúgio, pra ter uma ajuda, não é possível. Eu falei “não, a gente tem que andar, a gente tem que procurar, tem que bater a porta, e perguntar: ei você precisa que eu limpe sua casa?”. Sabe? A gente começou assim. Nesses três dias que a gente morou na rua.

A gente limpou casa, limpou fogão, limpou quarto, como tudo de serviço (MANUEL, 2020).

Ao refletir sobre o que alguém precisa passar para conseguir entrar em um abrigo da já mencionada Operação Acolhida, ele compartilha um pouco dos seus primeiros dias em Roraima e como insistiu na busca por trabalho ao invés de recorrer a benefícios assistenciais. Em seguida afirma o seguinte:

Assim que a gente foi sobrevivendo. Porque assim, o que acontece, é que todo benefício, toda oportunidade de benefício para pegar dinheiro, dá muito fácil, eu vou pra falar pra você, refúgio, só pra você ter uma ideia. Se eu te falo: “ai amigo, quantos anos você tem em um refúgio [abrigo]?” e você fala pra mim “dois anos, um ano”. O que tu pensa? O que tu pensa disso? Uma pessoa um ano no refúgio [...] Sabe o que eu acho pra mim. Que é corrupção. É uma pessoa que só tá esperando viver de governo, porque assim, abrigo para mim é um abrigo que você vai dar para uma pessoa um mês, dois meses, *mientras* essa pessoa se adapta ao país, *mientras* essa pessoa se adapta a sociedade, tá entendendo? Aí nesse processo tem que procurar trabalho. Tem que procurar ir embora (MANUEL, 2020).

Como visto, ele se mostra desfavorável às pessoas que permanecem por mais tempo na condição de abrigada. Isso pode se dar por muitos motivos. Uma possível interpretação poderia demarcar que esta pode ser uma forma de se diferenciar de um tipo de migrante “indesejável”, que seria o migrante que necessita de benefícios assistenciais. Ou seja, além da fronteira geopolítica, Manuel aciona diversos artifícios para cruzar uma fronteira moral, que parte do lugar de “migrante indesejável” para o posto de “migrante desejável”, sendo a vontade para trabalhar a força que lhe impulsionaria nessa cruzada rumo à dignidade.

Lembra-se de quando pagou seu primeiro aluguel fazendo um comparativo com a experiência de pessoas que permanecem nos abrigos:

Eu lembro que o primeiro aluguel foi 240 reais, a gente juntou dinheiro e pagou o aluguel e ficou dormindo no chão. Então, o refugiado, eles chegaram refugiados, tem comida, tem café por la manhã, tem almoço e tem janta. Então tu não vai buscar por um trabalho melhor? Vai ter força pra sair na rua (MANUEL, 2020).

Rememora-se, ainda, dos esforços que desprendeu com seu namorado nos primeiros dias em Boa Vista:

Eu ficava preto [por conta do sol], eu fiquei preto, eu caminhei muito, a gente caminhava de cinco horas da manhã e chegava dez horas da noite. *Sin conocer nada. Sin conocer* as ruas. A gente ficava perdido. Procurando trabalho. Uma vez eu encontrei um venezuelano, e eu falei pra ele “e aí, como tá você?” e ele falou “ah, tudo bem”. E “você tá onde?”. Estou em refúgio. “Quanto tempo você tem em refúgio”. “Ah, eu tenho um ano”. Aí eu fiquei olhando assim para ele: “porra, o quê tu tá fazendo? Tu não tá fazendo nada, porque um ano em refúgio, você não tem trabalho, não tem nada, e aí?” (MANUEL, 2020).

Em certo momento da entrevista pergunto diretamente em qual ciclo social Manuel se sente mais inserido, se é entre amigos/as brasileiros/as ou venezuelanos/as. Ele responde:

Olha, eu acho que eu sou uma pessoa diferente. Porque assim, a maioria dos venezuelanos, eles moram todos juntos, eles moram perto, é vizinho de outro, vizinho de outro. Eu não. Eu sempre morei sozinho. A gente se familiarizou mais com brasileiro (MANUEL, 2020).

Percebo um esforço em defender que o migrante venezuelano pode sim ser desejável, e que pode contribuir para a sociedade brasileira através não só do trabalho, mas como pela busca por moradias menos coletivas e mais individuais. “A gente é gente trabalhadora, e a gente vai fazer a diferença, a gente vai melhorar o Brasil” brada. Dentre muitos valores apontados como neoliberais, um dos

principais é o trabalho como algum tipo de ritual que tornaria a pessoa digna e respeitável. Esse esforço empreendido por Manuel corrobora a percepção de Sayad (1998, p. 54) quando afirma que “um imigrante é essencialmente uma força de trabalho, e uma força de trabalho provisória, temporária, em trânsito”.

Considerações finais

A trajetória de Manuel aqui apresentada em fragmentos recria um processo de integração ao contexto brasileiro de um jovem adulto venezuelano gay, que envolveu a tentativa de cruzamento de diferentes fronteiras morais. Como visto, o trabalho de carteira assinada aparece como um gerador de estabilidade que fez sua vida possível e serviu como uma chave de acesso para tornar-se “digno”. Em suma, seus depoimentos revelam os esforços individuais para distanciar-se de um lugar de inferioridade moral que ser “gay” e ser “venezuelano” pode representar. Além disso, mostram a tentativa de higienização de si perante o olhar da “opinião brasileira”, confrontando cotidianamente o que significa moralmente ser essas duas coisas.

Nisso, há um empenho para proteger a si e seu companheiro de constrangimentos no processo migratório que não se encerram ao chegarem no destino. Os processos raciais, apesar de não terem sido o foco aqui, não deixam de estar presentes nesse emaranhado. Quando fala sobre “estar preto” por caminhar por muitas horas no sol boa-vistense, por exemplo, sinaliza como é evidente na pele a dureza das peregrinações pelas ruas, sendo, nesse caso, a escuridão da pele uma marca corporal indesejável.

Trata-se, também, de um exemplo de como acontecimentos de grande escala (como a migração venezuelana) absorvem e são absorvidos na vida cotidiana de indivíduos (HAN, DAS, 2015). Em razão disso, nesse artigo foi privilegiada a fala de Manuel, pois em seus depoimentos estão impressos de maneira singular esses eventos. Além disso, como percebido, sua fala revela uma visão que por vezes critica a racionalidade humanitária, mas culpabiliza pessoas que precisam de benefício assistenciais, deslizando entre uma coisa e outra. Nota-se uma visão de mundo por vezes paradoxal, que mistura opiniões políticas e valores normativos com a luta rotineira pela dignidade, apesar de sua

identidade sexual e status migratório. Ao tentar analisar esse campo minado através das narrativas de Manuel, evidencia-se como é necessário apurar o olhar analítico para os complexos enredos morais que envolvem pessoas dissidentes nacionais e sexuais, sem perder de vista os, não menos importantes, agenciamentos dos sujeitos diante desses embaraços.

Referências

- AGIER, Michel. Nova Cosmópolis: As fronteiras como objetos de conflito no mundo contemporâneo. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, n. 91, v. 31, p. 1-10.
- ANDRADE, Vitor Lopes. **Imigração e sexualidade: solicitantes de refúgio, refugiados e refugiadas por motivos de orientação sexual na cidade de São Paulo**. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017.
- ANZALDÚA, Gloria. **Borderlands/La Frontera: The New Mestiza**. San Francisco: Aunt Lute Books, 1987.
- BAENINGER, Rosana. Introdução. In: BAENINGER, Rosana et alii. **Migrações Sul-Sul**. 2ª edição. Campinas, SP: Nepo/Unicamp, 2018.
- BRAGA, Cleber. Fantasmografias, sexílios, cuirestéticoativismos. In: **Periódicus**. n. 12, v. 1, nov. 2019-abr. 2020. p. 06-37. Disponível em: <<https://portalseer.ufba.br/index.php/revistaperiodicus/article/view/33799/20863>>. Acesso em: 10 de mar. de 2020.
- BRAH, Avar. Diferença, diversidade, diferenciação. **Cad. Pagu**, Campinas, n. 26, p. 329-376, 2006.
- CHÁVEZ, Karma. Border (in) securities: normative and differential belonging in LGBTQ and Immigrant Rights Discourse. **Communication and Critical/Cultural Studies**, v. 7, n. 2, p. 136-155, 2010.
- FASSIN, Didier. Humanitarian reason. A moral history of the present. Los Angeles: **University of California Press**, 2011a.
- FASSIN, Didier. Policing Borders, Producing Boundaries. The Governmentality of Immigration in Dark Times. Annu. **Rev. Anthropol.**, 40: 213-26, 2011b.

FELDMAN-BIANCO, Bela. Deslocamentos, desigualdades e violência do Estado. **Ciência e Cultura**. SBPC v. 67 (2), 20- 24, 2015.

FRANÇA, Isadora Lins. “Refugiados LGBTI”: direitos e narrativas entrecruzando gênero, sexualidade e violência. **Caderno Pagu** Campinas, n. 50, e17506, 2017.

FRANÇA, Isadora Lins; FONTGALAND, Arthur. Gênero, sexualidades e deslocamentos: notas etnográficas sobre imigrantes e “refugiados LGBTI” no norte do Brasil. **REMHU**, Revista Interdisciplinar de Mobilidade Humana, Brasília, v. 28, n. 59, ago. 2020, p. 49-68.

FONSECA, Nathália Antonucci. **Entrecruzamentos entre migração, gênero e sexualidade: experiências de vida de mulheres não-cisheterossexuais venezuelanas e solicitantes de refúgio**. 2020. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Programa de Pós Graduação em Antropologia. Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2020.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Tradução Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz & Terra, 2014.

FOUCAULT, Michel. Governmentality. In: BURCHELL, Graham; GORDON, Colin; MILLER, Peter (Orgs.). **The Foucault Effect**. Studies in governmentality. Chicago: The University of Chicago Press, 1991.

HAN, Clara; DAS, Veena. **Living and dying in the contemporary world: a compendium**. University of California Press, 2015.

LUIBHÉID, Eithne. Special Issue on “Migrant and refugee lesbians: Lives that resist the telling”. **Journal of Lesbian Studies**, v. 24, 2019. p. 57-171.

LUIBHÉID, Eithne. Afterword: Troubling identities and identifications. **Sexualities**, v. 17(8), 2014, p. 1035-1040.

MOTA, Daniele Monteiro. **Representações sociais, mídia e violência: a “construção” do migrante e da migração venezuelana em Roraima por meio dos websites da Folha de Boa Vista e Folha de S. Paulo**. Dissertação (Mestrado em Sociedade e Fronteira) - Programa de Pós Graduação em Sociedade e Fronteiras. Universidade Federal de Roraima, Boa Vista, 2019.

SANTOS, José Raimundo Torres. **Diáspora dos índios Warao da Venezuela**. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Boa Vista, 2019a.

SANTOS, Miguel Alvarenga de Macedo. **A atuação das organizações internacionais em Roraima no acolhimento aos migrantes e refugiados LGBTI da Venezuela**. Monografia. Curso de Relações Internacionais, Universidade Federal de Roraima, 2019b.

SAYAD, Abdelmalek. **A Imigração**. São Paulo: Edusp, 1998.

VASCONCELOS, Iana dos Santos. Receber, enviar e compartilhar comida: aspectos da migração venezuelana em Boa Vista, Brasil. 2018. **REMHU**, Rev. Interdiscip. Mobil. Hum., Brasília, v. 26, n. 53, ago. 2018, p. 135-151.

VASCONCELOS, Iana; SANTOS, Sandro. A oleada venezuelana. **Cadernos de Campo** (São Paulo 1991), v. 29, n. supl, p. 94-104, 31 jul. 2020.

WASSER, Nicolas; FRANÇA, Isadora Lins. O medo de voltar para casa: revisitando o nexo entre (homo)sexualidades e deslocamentos a partir do conceito de sexílio. 2021. **Sex., Salud Soc.** Rio de Janeiro. n. 37. 2021.

Recebido: 23/03/2022

Aceito: 06/04/2022